

3.

Julho de 2010 - Whitney Museum - Nova York - exposição de Christian Marclay

A exposição toma todo o andar. Ao fundo, uma parede enorme com pentagramas, na qual as pessoas podem escrever com giz, músicas, textos, palavras soltas e desenhos, de maneira aleatória. Da mesma forma, podem apagar o que quiserem, aleatoriamente. E, de fato, a parede que vi era toda tomada de palavras, desenhos e notas musicais, para se registrar alguma coisa nela, era forçoso apagar alguma outra. Logo ao lado, um palco montado com alguns instrumentos musicais, onde o artista, duas vezes por dia, se apresenta, tocando suas músicas e interpretando as sugestões musicais notadas no pentagrama. Soube que muitas vezes, durante suas apresentações, ele tocava o que estava escrito ali, constantemente reescrito.

Ao lado, uma grande tela reproduz duas imagens bastante geométricas e monocromáticas, que contaminam toda a grande sala. Ainda mais ao lado, em duas salas separadas por uma leve cortina, dois filmes feitos pelo mesmo artista passam em telas diferentes, um pouco afastadas, mas que interferem uma na outra. As duas, de alguma forma, invadem a grande sala do pentagrama. Os filmes são narrativas feitas através de imagem e som. Sem palavras. As linguagens se misturam na produção de sentidos, que não são, de forma alguma, únicos ou estáveis.

A exposição de Marclay é uma mistura de linguagens, através da mistura, ele constrói uma narrativa que não se fixa, que é novamente construída e desconstruída pela presença dos que estão ali, a cada momento. O sentido de sua narrativa se faz sempre, e de novo, na presença do público e para o público específico do momento, talvez não mais público, mas, participante.